

**FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO**

**GRACIEL TELXEIRA SANTOS**

**O CONCEITO DE VONTADE EM AGOSTINHO NA COMPREENSÃO DO PAPEL  
DA VONTADE HUMANA NAS SOTERIOLOGIAS CALVINISTA E ARMINIANA**

**SÃO PAULO**

**2021**

**FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO**

**GRACIEL TEIXEIRA SANTOS**

**O CONCEITO DE VONTADE EM AGOSTINHO NA COMPREENSÃO DO PAPEL  
DA VONTADE HUMANA NAS SOTERIOLOGIAS CALVINISTA E ARMINIANA**

**SÃO PAULO**

**2021**

**GRACIEL TEIXEIRA SANTOS**

**O CONCEITO DE VONTADE EM AGOSTINHO NA COMPREENSÃO DO PAPEL  
DA VONTADE HUMANA NAS SOTERIOLOGIAS CALVINISTA E ARMINIANA**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade  
Evangélica de São Paulo, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

**SÃO PAULO**

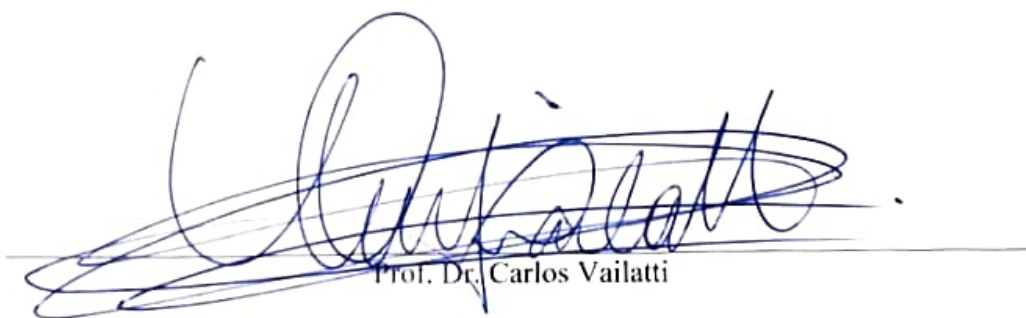
**2021**

**GRACIEL TEIXEIRA SANTOS**

Nota: 10,0

**O CONCEITO DE VONTADE EM AGOSTINHO NA COMPREENSÃO DO PAPEL  
DA VONTADE HUMANA NAS SOTERIOLOGIAS CALVINISTA E ARMINIANA**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Evangélica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.



Prof. Dr. Carlos Vailatti

São Paulo, 07 de agosto de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Faculdade Evangélica de São Paulo - FAESP

Biblioteca Pastor José Wellington Bezerra

---

T266c Teixeira Santos, Graciel.  
O conceito de vontade em Agostinho na compreensão do papel da vontade humana nas soteriologias calvinista e arminiana / Graciel Teixeira Santos. – 2021.  
25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade Evangélica de São Paulo - FAESP,  
Unidade Belenzinho, Curso de Teologia, São Paulo, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Carlos Augusto Vailatti.

1. Vontade. 2. Calvinismo. 3. Arminianismo . I. Título.

CDD 570

# O CONCEITO DE VONTADE EM AGOSTINHO NA COMPREENSÃO DO PAPEL DA VONTADE HUMANA NAS SOTERIOLOGIAS CALVINISTA E ARMINIANA

SANTOS, Gracieli Teixeira <sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Vailatti <sup>2</sup>

## RESUMO

O tema da vontade foi um assunto de pouca relevância na Antiguidade. Entretanto, Santo Agostinho desenvolve a maioria dos seus estudos relacionados a questões morais, em torno da vontade humana. Acredita-se que devido a questões relacionados com a sua adolescência e modo de vida. Pressupomos que foi uma das causas de sua adesão ao maniqueísmo? Tais temas como: a liberdade humana e a origem do mal, lhe deram esperança de encontrar solução para os seus questionamentos. A grande questão que atormenta ainda alguns teólogos da atualidade é: possui o homem algo chamado “livre arbítrio”? Pode ser um ser humano, pela sua livre vontade, voltar-se para Cristo a fim de alcançar a salvação? Erasmo de Roterdã, filósofo holandês, respondia com um “sim”, enquanto Lutero, com um ressoante “não! Esse artigo trata da análise do dilema da vontade nos ensinamentos dos reformadores Calvino e Arminio, e, a partir deste contexto, observa em que medida Agostinho de Hipona influenciou suas ideias. Portanto, a pesquisa em seu primeiro tópico, faz uma análise do conceito de vontade em Agostinho e suas variações de pensamento ao longo da sua história intelectual. Apresentaremos também as principais variações entre calvinistas e arminianos, bem como a herança de suas ideias que continuam divergentes até os nossos dias. Por fim, abordaremos o papel e a importância do pensamento de Agostinho na compreensão da vontade nestas duas soteriologias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vontade, Calvinismo, arminianismo

---

<sup>1</sup>Discente do Curso de Bacharel em Teologia da FAESP-Faculdade Evangélica de São Paulo, 5º Ano. Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade de São Vicente e Especialista em Logística Empresarial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>2</sup> Professor: Professor Titular do Curso de Bacharel em Teologia da FAESP-Faculdade Evangélica de São Paulo. Doutor em Estudos Judaicos, com concentração em Estudos da Bíblia Hebraica, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Letras Orientais - da Universidade de São Paulo (USP, 2016).

## ABSTRACT

The subject of will was a subject of little relevance in antiquity. However, Saint Augustine develops most of his studies related to moral issues, around the human will. It is believed that due to issues related to their adolescence and way of life. Do we assume that it was one of the causes of their adherence to Manichaeism? Such themes as: human freedom and the origin of evil, gave him hope of finding a solution to his questions. The big question that still plagues some theologians today is: does man have something called "free will"? Can a human being, of his own free will, turn to Christ for salvation? Erasmus of Rotterdam, Dutch philosopher, responded with a "yes", while Luther, with a resounding "no! This article deals with the analysis of the dilemma of the will in the teachings of the reformers Calvino and Arminius, and, from this context, observes to what extent Augustine of Hippo influenced their ideas. Therefore, the research in its first topic analyzes the concept of will in Augustine and its variations in thought throughout his intellectual history. We will also present the main variations between Calvinists and Arminians, as well as the heritage of their ideas that continue to diverge to this day. Finally, we will address the role and importance of Augustine's thought in understanding the will in these two soteriologies.

**Keyword: Will, Calvinism, Arminianism**

## I. INTRODUÇÃO

Aurélio Agostinho, mais conhecido por Santo Agostinho, nasceu em 354 d.C., em Tagaste d.C., norte da África, e morreu em 430 d.C. na cidade de Hipona, cidade próxima onde nascera, percorreu um longo caminho de 33 anos até chegar à sua conversão ao cristianismo. E assim, podemos dizer que sua vida foi marcada pela busca de Deus. Ademais, Agostinho tinha o maior insigne de toda a história da Igreja e um dos maiores gênios de todos os tempos.

Influenciado por Paulo, Agostinho desenvolve seu conceito de vontade a partir dos escritos paulinos, sobretudo na Carta aos Romanos. Nesse contexto temos uma concepção de que há duas vontades em luta, uma que pende para o bem e outra que teima em seguir a direção do mal, e é nesse ponto principal que Agostinho sustenta a existência de duas vontades. Essa dicotomia é percebida dentro do seu próprio ser, quando sua alma é dilacerada pela luta constante de suas vontades.

Sendo assim, podemos classificar pelo menos três fases distintas do pensamento agostiniano. A primeira fase se dá através da polêmica com os maniqueus, onde o livre arbítrio é tão eficaz quanto a realidade que o ser humano pode por si só aproximar-se do Altíssimo. Esse dualismo retrata a realidade do mal, mediante a ideia de um princípio mau do mundo que concorre com um princípio bom. Na segunda fase, ainda no confronto direto com os maniqueus, o jovem Agostinho afirma que o homem, por ser dotado de vontade livre, para que o movimento em direção ao bem e ao Altíssimo, seja manifesto, terá vontade humana dependente da colaboração divina. Assim, é necessário que essa vontade alcance a Graça de Deus.

Na última fase do seu pensamento, e agora em confronto com Pelágio<sup>3</sup>, bispo inglês famoso por sua moral, passou a declarar que a natureza humana é totalmente caída que não tem forças para se direcionar até o Altíssimo, além disso, ele proclamou que a salvação, do

---

<sup>3</sup> Estabeleceu-se em Roma por volta de 405, depois viajou para África do Norte, continuou a viagem até a Palestina e escreveu dois livros sobre o pecado, o livre-arbítrio e a graça: *Da natureza e Do livre-arbítrio*. Suas opiniões foram criticadas violentamente por Agostinho e seu amigo Jerônimo, tradutor e comentarista bíblico, que morava em Belém na Palestina. Foi inocentado das acusações sobre heresia pelo Sinodo de Dióspolis, na Palestina, em 415, mas condenado como herege pelo bispo de Roma em 417 e 418, e pelo Primeiro Concílio de Éfeso em 431. Não se sabe ao certo o ano e o motivo da sua morte, esta provavelmente se deu por volta de 423. É possível que sua condenação pelo Concílio de Éfeso tenha sido após a sua morte.



início ao fim, é obra da Graça de Deus e para a Glória de Deus, de modo que nos céus seremos declarados sem pecado também incapazes de pecar.

O pensamento agostiniano sofreu algumas variações ao longo em que se envolvia em polêmicas, com os movimentos eclesiais e filosóficos do seu tempo, tais ideias passaram do entendimento que o homem por si só pode alcançar o sumo bem, para um pensamento intermediário, de acordo com o qual que somente a graça divina, é capaz de auxiliá-lo a esse fim, como se observa a busca da verdade é inaugurada primeiro pelo desejo humano e, posteriormente pelo auxílio divino, que alcança os bens supremos, através de *princípio de cooperacionismo*.

Mas afinal, até que ponto esses pensamentos divididos, influenciaram a teologia da igreja cristã? Tais pensamentos, influenciaram de forma decisiva as soteriologias calvinista e arminiana. De um lado temos Armínio defendendo a posição do livre-arbitrio da vontade, assumida pelo Jovem Agostinho<sup>4</sup> e, do outro lado, Calvino que rejeitou a doutrina agostiniana acerca da condição da vontade na economia da salvação.

Diante disso, espera-se que o leitor entenda que o pensamento agostiniano, suas variações, sua profundidade, sua coerência e criatividade, marcaram profundamente toda a reflexão teológica, posterior e suas mais diversas correntes, afetam decisivamente a teologia protestante.

## II. O PROBLEMA DA VONTADE

### 2.1 A vontade no pensamento agostiniano

Os escritos agostinianos foram fortemente influenciados pelo apóstolo Paulo. Ao que parece, Agostinho procura formular seu conceito de vontade a partir da leitura dos escritos paulinos, da luta entre duas vontades, uma que pende para o bem e outra que segue em direção ao mal. Paulo assim afirma “o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo”<sup>5</sup>. Como acentua Étienne Gilson “o problema

<sup>4</sup> Jovem Agostinho é o pensamento agostiniano sobre a vontade humana que foi alterado radicalmente nos seus últimos escritos.

<sup>5</sup> Conf. Paulo, Romanos 7:15-25. Texto na íntegra: Porque o que faço, não o aprovo, pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que, agora, já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem,

depende essencialmente da metafísica, pois a vontade humana é apenas um fragmento da ordem universal. Para resolvê-lo é necessário partir da consideração do ser” (GILSON, 2007, p.270)

Para Agostinho, Deus é, por definição o s bem, sendo o bem supremo, não havendo nada acima dele ou fora dele. Sendo assim, Deus não pode mudar, uma vez que não depende das criaturas. Ao contrário, as criaturas dependem dele para existir. Nesse contexto, da doutrina agostiniana, não há uma vontade má por natureza, mas apenas uma escolha por parte do homem, em afastar-se do Sumo Bem. Até o fim dos seus escritos, Agostinho sustenta essa afirmação de que todas as coisas criadas, incluindo vontade, são boas por natureza.

Nesse aspecto, Gilson Étienne afirma:

Se assim é o bem, o mal só pode ser a corrupção de uma das perfeições na natureza que as possui. A natureza má é aquela em que medida, forma ou ordem estão corrompidas, e ela é má somente na exata proporção do grau de sua corrupção. Não corrompida, essa natureza seria toda ordem, forma e medida, quer dizer, boa; mesmo corrompida, ela permanece boa enquanto natureza e é má apenas no tanto em que é corrompida. (GILSON, 2007, p.272).

Mas será que Agostinho seguiu esse pensamento acerca da vontade nos seus últimos dias de vida? Para que haja uma maior compreensão do tema abordado, algumas questões precisam ser entendidas e esclarecidas, visto que essa posição influencia drasticamente as soteriologias que irão se seguir após a Reforma Protestante.

Nesse sentido, nos parece que o doutor da graça começa de forma sutil a se afastar do pensamento paulino, embora ele não tenha demonstrado de maneira objetiva ao longo de sua obra. É notório no pensamento agostiniano que a vontade está ligada à liberdade por ditar a ação pelo exercício do comando, quando acionada por outras faculdades. Para Agostinho é possível que a vontade possa se duplicar e, neste sentido, onde quer que haja uma vontade, há sempre duas vontades, nenhuma das quais é plena, e o que falta a uma está presente na outra, diante desta afirmação, podemos entender que ele compreendia a existência de duas vontades antagônicas para chegar-se a ter vontade.

---

o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado.” (ARC).

Na obra *O livre arbítrio*, Agostinho traz como tema principal a liberdade humana e o problema do mal. Ele não suporta a ideia de que Deus seja o autor do mal, reiterando a compreensão de que a vontade humana é movimentada conforme a vontade divina. Sendo assim, Deus converte a vontade humana em todas as áreas, sejam espirituais ou terrenas. Esse tema influenciou sobremaneira a cosmovisão liderada por Calvino. Há de se observar que na obra *As Institutas das Religiões Cristã*<sup>6</sup> Calvino faz referência a Agostinho pelo menos quatrocentas vezes, o que ratifica sua forte influência no calvinismo atualmente, além do velho Lutero monge da ordem agostiniana e precursor da Reforma Protestante, declara em sua obra *Nascido Escravo* “Ora , se todos os homens são possuidores de “livre-arbítrio”, e todos os homens são culpados e estão condenados, então esse suposto “livre-arbítrio” é impotente para conduzi-los à fé em Cristo. Por conseguinte, a vontade dos homens, afinal não é livre. (LUTERO,2007, p.21).

Na realidade, conforme acentua Ivan de Oliveira, “O bispo de Hipona apresentou variações em seu pensamento na medida em que se envolvia em polêmicas com os movimentos eclesiásticos, teólogos e filosóficos de seu tempo. (DURÃES, 2016, p.28). Agostinho passou da compreensão de que o ser humano por si só poderia se chegar a Deus, para uma posição no sentido de que Deus auxilia o homem, para alcance do sumo bem. Isso é notado nitidamente em seus escritos anteriores ao ano de 417.

Nos seus escritos, posteriores ao ano 417, nota-se claramente o controle de Deus na história humana. Tudo se inicia em Deus, Ele é quem promove a aproximação da criatura dele. Assim o ser humano está numa condição passiva, sendo que a sua vontade não tem força, se não for impulsionada pelo ato divino. Tal argumento está no cerne de uma das maiores controvérsias da igreja cristã, que envolve soberania divina.

## 2.2 As duas faces da soteriologia agostiniana

Como podemos observar Agostinho, passou o resto de sua vida lutando contra a dura realidade da vontade humana. Desde os seus primeiros trabalhos, como *Sobre o livre-arbítrio*, até suas reflexões atuais no clássico *Cidade de Deus*, apontam como ele continuava a encarar o problema do mal. Podemos observar essa realidade avassaladora na pergunta de

---

<sup>6</sup> A Instituição da Religião Cristã, em latim *Christianae religionis institutio*, ou simplesmente *As Institutas* é a obra principal da teologia de João Calvino.

seu amigo Evódio na obra *Sobre o livre-arbitrio*: “Diga-me se não é Deus o autor do mal”<sup>7</sup>. Sendo assim, James Smith esclarece:

A inquietação de Agostinho, não era causada apenas pela sua distância de Deus, como ele nos conta em suas confissões, mas também pelas lutas internas, de uma pessoa inserida em duas culturas, dois legados e duas visões de mundo que se chocavam e se misturavam – em poucas palavras, um mestiço”. Até o lar de Agostinho era híbrido, o que o preparou para suas experiências posteriores de imigração e retorno, informando uma teologia de vida cristã de migração, uma busca por um lar que ninguém nunca viu. A alegria está em chegar ao lar em que nunca esteve. (SMITH, 2020, p.64).

Como vimos o pensamento de Agostinho, ao longo de sua trajetória intelectual sofreu algumas mutações, e importante observamos em qual período essas mudanças ocorreram. Observa-se que a partir de 417 d.C., Agostinho se aprofunda numa progressiva mudança acerca de suas posições, outrora defendidas, a respeito do livre-arbitrio e da vontade humana. Dessa maneira, o homem é colocado numa condição passiva. Aliás o próprio Lutero é influenciado pelo tema e o destaca em sua obra *Nascido escravo* “Ninguém tem a capacidade voltar-se a Deus. Deus precisa tomar a iniciativa de revelar-se a eles” (LUTERO, 2007, p.20).

Na monografia “A verdadeira religião segundo santo Agostinho”, escrita por dois estudantes da PUC, é observado o seguinte:

Agostinho demonstra a grande influência que recebeu da corrente filosófica neoplatônica de Alexandria, principalmente do filósofo Plotino, cujos pensamentos tiveram participação na conversão do pensador de Hipona ao cristianismo. Também é notório observar neste escrito alguns resquícios do pensamento maniqueu quando Agostinho faz uma leitura apologética da doutrina cristã.” (MORAES, João Ricardo; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A verdadeira religião segundo santo Agostinho.2013. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br>>. Acesso em 23maio 2021).

Diante disso, a cronologia agostiniana segue-se dessa maneira: os textos escritos antes de 417 são classificados como o Jovem Agostinho<sup>8</sup>. Em contrapartida, os textos escritos após essa data são denominados de Velho Agostinho. Norma Geisler assim acentua: “Desde o começo, Agostinho seguiu os ensinamentos dos Pais da Igreja<sup>9</sup> que vieram antes dele. O ser humano, mesmo caído, possui o poder de livre escolha. (GEISLER, 2005, p.191).

<sup>7</sup> Diálogo entre Evódio e Agostinho na obra *Sobre o Livre-Arbitrio*

<sup>8</sup> É o pensamento agostiniano sobre a vontade humana nos seus primeiros escritos.

<sup>9</sup> Pais da Igreja foram influentes teólogos, professores e mestres cristãos, na grande maioria importantes bispos de igrejas cristãs na Antiguidade. Seus trabalhos acadêmicos foram utilizados como precedentes doutrinários nos séculos subsequentes.

O Jovem Agostinho não poupou críticas as doutrinas maniqueístas. Ele preocupa-se com essas questões, mas uma das razões de ter aderido à teologia maniqueísta, no passado foi o desejo e esperança ardentes de encontrar respostas para as suas frequentes dúvidas. Para os maniqueus, havia duas divindades supremas que presidiam o universo: a do bem e o do mal. Como consequência moral disso, os maniqueus afirmavam ter o homem duas almas. Diante deste pensamento, temos duas vertentes: o mal é metafísico e ontológico, logo, o ser humano não é livre, nem responsável pelo mal. Isso lhe é imposto. Para o teólogo latino-americano Justo L. González “na doutrina dos maniqueus, dado o dualismo radical entre o bem e o mal, particularmente no ser humano estes dois princípios estão interligados numa luta contínua, nessa percepção o Bispo de Hipona defende que a vontade é o movimento de uma alma racional, sem que nada a force, nem a não perder e nem adquirir algo”

Nessa comparação, Agostinho analisa o mal em três sentidos: o mal metafísico-ontológico, o mal moral e o mal físico, do ponto de vista 1) metafísico- ontológico, não existe mal no cosmos, mas apenas graus inferiores de ser em relação a Deus; 2) O mal moral é o pecado, a vontade que deveria tender sempre para o Bem, que é Deus. Considera-se o fato de existirem muitos bens criados e finitos e a vontade pode vir a atendê-los. Além disso, o fato de termos recebido de Deus a vontade livre é um grande bem. Porém o mal se concretiza no mau uso desse grande bem e, por último, 3) o mal físico, como as doenças, é consequência do pecado original, ou seja, do mal moral.

Diante disso, Durães pontua:

No confronto direto com os maniqueus, no tratado o Livre-arbitrio, o Jovem Agostinho afirma que o homem, por ser dotado de vontade-livre, pode aproximar-se de Deus mediante a colaboração divina. Ao longo do texto, e, em consequência de anterior simpatia com a doutrina maniqueísta, Agostinho afirma: “tão ferido, sob o peso de tamanhas e tão inconsistentes fábulas, que se não fosse meu ardente desejo de encontrar a verdade, e se não tivesse conseguido o auxílio divino, não teria podido emergir de lá, nem aspirar a primeira das liberdades – a de poder buscar a verdade” (DURÃES, 2016, p.28).

Como podemos observar a busca pela verdade, para o Jovem Agostinho é estabelecida pelo desejo ardente e, posteriormente, pelo auxílio divino, que norteia o homem até o Sumo Bem. Essa afirmativa pujante denominamos de “princípio do cooperativismo”, onde a justiça humana coopera com a manifestação de Deus, iluminando a razão humana para compressão do que é transcendente. Nesse aspecto não restam dúvidas que o Jovem Agostinho ratifica que o efeito da Queda, não foi tão intenso, impossibilitando a ação

humana em direção ao Sumo bem. Tal argumento demonstra para Agostinho que depende da nossa vontade gozarmos ou sermos privados das bem-aventuranças de Deus.

Diante disso, podemos compreender o Jovem Agostinho numa condição semipelagiana, doutrina centrada na premissa de que a natureza humana não se quedou totalmente corrompida pelo pecado de Adão e que, por conta disso, o ser humano está em condições de escolher a salvação pelas suas próprias forças.

### 2.3 A vontade submissa no Velho Agostinho

Agostinho, nos últimos anos de sua vida, passa a formular um conceito pessimista e sobretudo antropológico da vontade humana, onde o ser humano não pode fazer nenhum tipo de justiça ou viabilizar a aproximação com o Sumo Bem. Tal argumento é notado nitidamente no confronto com Pelágio. Na síntese e construção doutrinária de Pelágio pode-se observar que todo o homem é criado livre como Adão, tendo, portanto, capacidade de escolher entre o bem e o mal. Cada alma é uma criação individual de Deus, não herdando, por isso, a contaminação do pecado de Adão. A universalidade do pecado no mundo é explicada pela fraqueza da carne humana e não pela corrupção da vontade humana pelo pecado. O homem não herda o pecado original de seu primeiro pai.

Para Oliveira (2016, p.18) "Na doutrina pelagiana, a palavra graça, tão preciosa a Agostinho, e ao cristianismo tradicional, tem um significado diferente, visto que para Pelágio a cooperação da graça de Deus em benefício do homem é algo inerente à natureza humana não vinculada ao pecado de Adão". Agostinho dedicou um espaço de sua vida, para refutar Pelágio e todos os seus opositores, que aderiram essa antropologia pessimista. Nesse contexto evidencia-se que a natureza humana é elevada a tal ponto que está superior à sua condição original e encontra-se totalmente deplorável e incapaz de praticar qualquer ato de justiça e amor que promova ou propicie a aproximação ao Sumo Bem. Ferreira em sua obra Agostinho de A a Z pontua:

A diferença entre Pelágio residia em seus pontos de vista sobre a natureza humana e a Graça de Deus. As ideias de Pelágio foram refutadas por Agostinho numa série de tratados que se tornaram conhecidos como tratados antipelagianos. E o pelagianismo foi condenado de maneira formal como heresia pelo Bispo de Roma em 417 e 418, e pelos Concílios de Cartago, em 418, de Éfeso, em 431, (o terceiro grande concílio eclesiástico) e, finalmente, de Orange, em 529). (FERREIRA, 2006, p.32)

Devido a sua forte atuação e crença no Calvinismo extremado, nota-se que o escritor Franklin Ferreira em sua obra *Agostinho de A à Z*, não esclarece de forma detalhada a mudança radical do pensamento do Jovem Agostinho para o Velho Agostinho, abordando apenas sua crença inicial, isso se dá pelo fato que o autor é defensor da corrente calvinista e, acredita que toda a capacidade humana foi aniquilada pelo efeito da Queda, tornando o homem incapaz de entender ou responder a Deus, sendo o próprio Deus responsável pelo chamamento e eleição divina, sem a atuação da liberdade humana. Geisler pontua de forma enfática “Os calvinistas extremados admitem que o ser humano caído tem vida biológica, mas negam que seja vivo em qualquer sentido de poder responder a Deus.” (GEISLER, 2005, p.65).

A tese defendida por Agostinho de Hipona é que toda a humanidade, herdeira do pecado original, está totalmente decaída, e por conseguinte, não têm forças para se chegar ao Sumo Bem, visto que a sua natureza está inclinada ao mal, a menos que a mente humana seja iluminada pela verdade absoluta. Em suma, o livre-arbítrio está totalmente corrompido pela queda, não havendo méritos humanos para a escolha do bem. Esse pensamento é registrado assim: “Eu já admito que Deus nos concedeu a vontade livre. Mas não te parece, pergunto-te, que se ela nos foi dada para fazermos o bem, não poderia levar-nos a pecar” (AGOSTINHO, 1995, p.75). O mal não é uma substância, mas a perversão da vontade, enquanto escolha inadequada. Todavia, essa vontade livre será verdadeira liberdade se amar o que deve ser amado, a busca pelo desejo de se aproximar ao Sumo Bem.

Em contrapartida, Pelágio defende que o pecado original não retirou a capacidade humana de fazer o bem, sendo que não há nada vicioso em relação as atitudes das pessoas e nenhuma inclinação maléfica. Pelo seu próprio livre-arbítrio, o homem pode escolher entre o bem e o mal. Nesse sentido, parece-me que a palavra “graça”, tão preciosa para Agostinho quanto ao cristianismo tradicional, tem um significado diferente, visto que para Pelágio a cooperação da graça de Deus em benefício do homem é algo inerente à sua natureza não vinculada ao pecado de Adão. O próprio Agostinho destaca em sua obra *A graça e a liberdade*:

Este livre – arbítrio é objeto de exortação a outros, aos quais diz: Exortamos-vos ainda a que não recebeis a graça de Deus em vão (2 Cor 6,1). Por que exortá-los se, ao receber a graça, perdessem a liberdade da vontade? Este Contudo, evitando afirmar que possa fazer algum bem sem a graça de Deus, depois de ter dito: E a sua graça a mim dispensada não foi estéril. Acrescentou: Não eu, mas a graça de Deus que está comigo. Quis dizer, não eu somente, mas a graça de Deus comigo; não somente a graça de Deus e nem ele só, mas a graça de Deus com ele. Porém, no chamado

do céu para a sua conversão tão decisiva (At 9), atuou apenas a graça, visto que não tinha méritos, mas deméritos. (AGOSTINHO, 1995, p. 35).

Para Agostinho, a fonte do pecado está no abuso da liberdade, sendo, entretanto, o livre-arbitrio um grande dom de Deus. Porém, para o Agostinho mais velho, em contraste com o Agostinho mais jovem, a raça humana está tão depravada que não tem livre escolha em relação às coisas espirituais. Entendemos, então, que Agostinho passou de um “calvinismo” moderado, para um “calvinismo” extremado. Como se percebe, Agostinho diminui o papel da vontade diante do resultado de seu embate com Pelágio, que, ao contrário defendia, que a vontade humana permanecia intacta após a queda endêmica. O ser enquanto tal é um bem e o mal é corrupção do ser. Deus não é nem direta nem indiretamente a causa do mal: “Ele é autor da natureza humana que é boa, é autor do homem e não do mal presente neste e por ser soberanamente bom, nunca deixaria qualquer mal existir nas suas obras se não fosse poderoso o suficiente para fazer resultar o bem do próprio mal” (Encheridion.3.11).

A verdadeira liberdade interior é alcançada quando conseguimos nos libertar do mal que está dentro de nós. Há muitos contrastes entre os escritos do Jovem Agostinho e os escritos posteriores do Velho Agostinho. Na tabela abaixo podemos observar suas principais diferenças:

**Tabela 1** – Contrastes entre o Agostinho Jovem e o Agostinho Velho.

<b>Agostinho Jovem</b>	<b>Agostinho Velho</b>
Deus quer que todos sejam salvos	Deus quer que somente alguns sejam salvos
Deus nunca viola o livre arbitrio	Deus viola o livre arbitrio
Deus ama a todos	Deus ama somente alguns
A fé não é um dom especial para alguns	A fé é um dom especial para alguns
Os caídos podem receber a salvação	Os caídos não podem receber a salvação

**Fonte:** (GEISLER, 2005, p.202).

Como se observa nos apontamentos acima, a vontade do homem é impotente frente ao pecado. Nessa relação de conflito entre a conversão da alma e o desejo de chegar-se ao Sumo Bem, Agostinho desenvolve o conceito de vontade que está em tensão entre inclinar-se a Deus ou para os bens criados. É, no mínimo, interessante observamos que o Bispo de



Hipona muda radicalmente de posição doutrinária ao longo de seus 40 anos de Cristianismo. Observamos uma forte inclinação em defender, com avidez, o livre-arbitrio da vontade humana que foi mostrado ao longo deste capítulo, o que se conclui é que Deus concede a graça a quem quer, pois Ele possui vontade própria por ser uma pessoa e tal ação não desmotivaria a sua justa ação.

### III. O PROBLEMA DA VONTADE NA MOBILIZAÇÃO DE GRUPOS E INSTITUIÇÕES

#### 3.1 A vontade no Calvinismo

Calvinismo diz respeito ao conjunto de ensinamentos e ideias presentes na obra do reformador João Calvino (1509-1564)<sup>10</sup>. Seus pensamentos seguem até os dias atuais e são expostos em várias temáticas como adoração, política, antropologia, eclesiologia etc. Sua maior contribuição à fé reformada foram as suas Institutas. Além disso, ele também incentivou a educação, criando escolas no novo mundo. Assim pontuam Boice e Riken “O que Calvino pregava era, é claro, a Bíblia – versículo por versículo, capítulo por capítulo e livro por livro”. Sua estrutura doutrinária foi a teologia da Reforma, resumida em suas famosas Institutas da Religião Cristã. (BOICE e RIKEN, 2017, p.47). Nas contribuições de Calvino, Earle E. Cairns destaca:

Acham alguns que a teologia calvinista rompe o nervo do evangelismo e do esforço missionário. Entretanto, um estudo da história da expansão do evangelho mostrará que aqueles que professam a fé reformada tiveram parte importante nos grandes reavivamentos do passado e nos movimentos missionários modernos. A influência desse talentoso pregador, desse estudioso sóbrio, mesmo que enfraquecido, sobre a evolução espiritual da sociedade moderna ultrapassa em muito o seu físico frágil. Só mesmo a graça de Deus operando em sua vida explica adequadamente o trabalho que ele realizou e que até hoje frutifica. Ele foi, sem dúvida, um reformador internacional, cujo trabalho influenciou presbiterianos, reformados e puritanos (CAIRNS, 2008, p.283).

Nota-se que a influência do Calvinismo é sobressalente nos dias atuais, sendo vista, sobretudo, nos debates teológicos e doutrinários a respeito da salvação e, a soberania de Deus *versus* a liberdade humana, tais argumentos foram fortemente influenciados pelo pensamento agostiniano diante das incertezas e variações que o Bispo de Hipona teve ao longo da sua trajetória. Essa é a principal característica entre a discórdia dos calvinistas e

<sup>10</sup> Fundador do Calvinismo

arminianos. Entendem os calvinistas que a vontade humana se encontra em condição totalmente passiva diante de Deus. Durães destaca em sua obra, *O dilema da vontade* que “o agir divino segundo entendem, manifesta-se por meio da graça irresistível (também denominada de vocação eficaz) em que não há possibilidade de vontade contrária” (DURÃES, 2016, p.52)

Fica claro e evidente que após, um exame detalhado das Escrituras, Calvino afirma categoricamente que Deus, por seu designio e vontade, escolhe livremente aqueles a quem quer, rejeitando a outros. Assim pontua Azevedo: “O calvinismo, com sua perspectiva da dupla predestinação (para a salvação e para a perdição eternas), tornou-se hegemônico em parte do protestantismo”. (AZEVEDO, 2021, p.16). Para Calvino, a redenção humana, não passa pela análise da vontade, pois a condição do indivíduo já está predeterminada, antes mesmo do seu nascimento. O que ocorre é que Deus, em sua soberania, escolhe o ser humano e a graça apresenta-se irresistível à vontade deste. O ensino calvinista exacerba a queda humana e conjectura que o homem morto não pode mais responder ao chamado da graça de Deus. Para alguns calvinistas o termo significa, “morto”, morto mesmo, em sentido espiritual. Seria uma total incapacidade de responder positivamente a pregação do Evangelho. Os calvinistas se esquecem de que a recíproca é verdadeira, se o homem está morto desse jeito e não pode responder à salvação, seria, então, obtusidade pensar que ele é culpado pelos seus atos e pecados.

Entende-se que o calvinismo é estruturado no princípio fundamental da Soberania de Deus, onde Deus age sobre todas as coisas, e o pecado não é uma exceção; e que Sua vontade é demonstrada ou de forma eficiente ou permissiva em todas as existências e todos os eventos na terra. Pink em sua obra soberania de Deus destaca categoricamente:

Pode-se definir a soberania de Deus como o exercício de Sua supremacia, estudada no capítulo anterior. Sendo infinitamente elevado acima da mais elevada criatura, Ele é o Altíssimo, o Senhor dos céus e da terra. Não sujeito a ninguém, não influenciado por nada, absolutamente independente: Deus age como lhe apraz, somente como lhe apraz, sempre como Lhe apraz. Ninguém consegue frustrá-lo nem impedi-lo. Assim, Sua Palavra declara expressamente: “... o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade (Isaias 46:10). “...segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra: não há quem possa estorvar a sua mão...” (Daniel 4:35). O sentido da soberania divina é que Deus é Deus de fato, bem como o é de nome, que Ele ocupa o trono do universo dirigindo todas as coisas, fazendo todas as coisas “...segundo o conselho da sua vontade” (Efésios 1:11) (PINK, 2016, p.43).

Esse é o principal ponto de convergência entre a teologia arminiana e calvinista, que atravessa séculos. Diante das realidades e reflexos na atualidade conclui-se que tanto o Calvinismo quanto o Arminianismo constituem dois sistemas teológicos que tentam explicar a relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana em relação à salvação e que ambos estão fundamentados em textos bíblicos, fato que gera divergências e ainda reflete na vida cristã da sociedade. É importante ressaltar que não podemos determinar que o calvinismo seja a interpretação bíblica mais correta existente. Caso fosse o cristianismo seria irrelevante e não haveria eficácia no evangelho, pois é arriscado por demais, condenar pessoas, sem que essas ao menos tenham a oportunidade de ouvir as boas novas, que regeneram e alteram a vida de um indivíduo. Se Deus não estivesse interessado na vida humana, elegendo e condenando pessoas independentemente das próprias pessoas, por que se daria ao trabalho de se revelar e ordenar que a palavra seja pregada à toda criatura viva? (Cf. Mc 16.15).

### 3.2 A vontade no arminianismo

Em oposição à teologia de Calvino, surge no cenário da igreja reformada holandesa, Jacó Armínio (1560-1609)<sup>11</sup>, que em sua tese a respeito da soteriologia, abre espaço para uma discussão acirrada a respeito do papel exercido pela vontade humana. Armínio abraçou uma visão escolástica, reformada e literal das Escrituras Sagradas, onde sustenta com firmeza os atributos divinos clássicos e um conceito hermenêutico com foco cristológico. Sua teologia abrange a soberania de Deus absoluta e a liberdade humana. No entanto, essa liberdade pode ao mesmo tempo possibilitar o afastamento de Deus, sendo necessário a intervenção da graça, para conduzi-lo à Ele. Já para Calvino, a graça para tal movimento não é arbitrária ou limitada.

Sobre a vida de Armínio, Mariano destaca

Armínio teve uma infância extremamente turbulenta, assim como turbulenta também foi a época em que a Holanda vivia, pois o "país" buscava a liberdade política e econômica, já que a Holanda estava debaixo do domínio espanhol e, conseqüentemente, da fé católica. Em razão dessas disputas entre a Holanda e Espanha é que acontece, na cidade natal de Armínio, o famoso e trágico evento chamado Massacre de Oudewater. Nesse massacre, quando Armínio tinha aproximadamente 15 anos, sua mãe e irmãos foram assassinados (MARIANO, 2015, p. 15).

<sup>11</sup> Fundador do arminianismo

Para Arminio, a graça tem um papel preponderante na economia da salvação. A graça atua do começo ao fim, operando na regeneração do homem e gerando desejo e vontade para se chegar ao Sumo Bem. Nesse sentido, a graça preventiva tem um papel fundamental e coopera com o homem. Essa graça, ao contrário daquela dos calvinistas, é resistível, devido vontade humana. É esta graça que prepara e restaura o livre-arbitrio para a prática do arrependimento e fé. Diante disso, a pessoa humana tem a sua vontade capacitada, de modo a poder escolher entre o bem e o mal. Brian assim pontua: “Para Arminio a graça de Deus permite que uma pessoa responda positivamente ao Deus ao abrir-se para ele. Mas de igual maneira, a graça de Deus capacita uma pessoa para que está o rejeitem afastando-se da própria fonte da graça, em favor do que só pode ser entendido como sendo falsidade e escravidão”. (BRIAN, 2018, p.88).

É importante pontuarmos que para Arminio é Deus quem vai em direção à pessoa, e assim o faz em amor transbordante, capacitando-a para a obediência. Com essa afirmação, temos o pressuposto que a queda adâmica provocou efeitos deletérios ao livre-arbitrio, ficando a humanidade depende da graça de Deus, para alcançar sua bondade e misericórdia. Tal argumento tem um papel importante na atuação da graça divina, pois seu principal papel é colocar o homem em uma posição em que possa responder sim ou não, ao convite ofertado pela divindade. Nota-se uma constante preocupação em Arminio de atribuir todo o bem existente no homem a Deus como sua fonte e cada impulso e capacidade para o bem à graça. Isso é demonstrado em sua “Uma Carta Dirigida a Hipólito A Collibus<sup>12</sup>” Nela Arminio fala o seguinte sobre a graça e livre arbitrio:

Confesso que a mente de... um homem natural e carnal é obscuro e sombrio, que suas afeições são corruptas e desordenadas, que sua vontade é teimosa e desobediente e que o próprio homem está morto em pecados. E eu adiciono a isto, que o professor que atribui tanto quanto possível à Graça Divina obtém a minha mais alta aprovação, desde que ele tanto defenda a causa da Graça como não inflija prejuízo à Justiça de Deus e não retire livre-arbitrio para fazer o que é mau. (Tiago Arminio, The Works of James Arminius (As Obras de Tiago Arminio), Volume II, páginas 700-701).

Após a morte de Arminio, foi organizada pelos seus seguidores, em 1610, uma Confissão de Fé, com cinco artigos. No próximo capítulo abordaremos seus principais

---

<sup>12</sup> As Obras de Arminio - Volume 2

pontos. Estes artigos foram rejeitados veementemente pelo Sínodo de Dort<sup>13</sup>, e em 1621, os Remonstrantes<sup>14</sup> anunciaram a Confissão de Fé de 1621, que culminou em uma das principais controvérsias na história cristã, ultrapassando gerações. No que tange à vontade, foi determinado nesta declaração que o pecado dos primeiros pais não foi um ato necessário, mas uma manifestação da vontade livre do homem, sendo que o homem em seu estado natural, após o evento da queda não tem condições por si só de aproximar-se de Deus.

#### IV. O PAPEL AGOSTINIANO NA COMPREENSÃO DAS SOTERIOLOGIAS CALVINISTA E ARMINIANA.

##### 4.1 O velho Agostinho na construção do papel da vontade do calvinismo

Nos escritos derradeiros de Agostinho, tais como *Predestinação dos Santos* e o *Dom da Perseverança*, observa-se que a vontade humana não exerce qualquer papel na escolha pelas boas obras, tal como fora defendido em seus primeiros argumentos no confronto com os maniqueus. Nos seus últimos textos, a condição humana é dobrada pela ação divina, através da graça irresistível e devido a condição passiva humana, Deus atua de forma soberana para que seus designios sejam cumpridos. Tal argumento é o divisor de águas e influenciou diretamente o calvinismo e seus seguidores. Para Agostinho, é o bem o fim do homem, e o sumo bem o seu fim último. O fim do homem é a sua união derradeira e completa com Deus, mas a Deus pareceu melhor ordenar as coisas de tal forma que o homem fosse a Ele por um progresso ordenado, por meio de uma elevação, passando de um bem menor (o poder não pecar) a um bem maior (o não poder pecar). Referente ao pensamento do Velho Agostinho Silas Daniel em sua obra destaca:

Nessa disputa final que consumiu seus últimos anos de vida, vemos Agostinho fazendo de tudo para tentar preservar em seu sistema o livre-arbitrio – uma doutrina defendida claramente pela igreja nos seus primeiros 400 anos de história. Mesmo entrando em contradições, ele se esforça o tempo todo em seus últimos escritos para salvaguardar essa doutrina bíblica. É por isso que a mecânica da Salvação de Agostinho não

<sup>13</sup> O Sínodo de Dort (também conhecido como o Sínodo de Dort ou Sínodo de Dordrecht) foi um sínodo internacional que teve lugar em Dordrecht, na Holanda, de 1618 a 1619 pela Igreja Reformada Holandesa, com o objetivo de regular uma séria controvérsia nas Igrejas Holandesas iniciada pela ascensão do arminianismo. A primeira reunião do sínodo foi tida a 13 de novembro de 1618 e a última, a 15<sup>a</sup> foi a 9 de maio de 1619. Foram também convidados representantes com direito de voto vindos de oito países estrangeiros. O nome "Dort" era um nome usado na altura em inglês para a cidade holandesa de Dordrecht.

<sup>14</sup> Nome atribuído aos seguidores de Arminio nos países baixos, foram os remonstrantes que apresentaram a defesa das teorias arminianas no Sínodo de Dort.

é 100% igual à do reformador francês João Calvino. São praticamente a mesma coisa, são pelo menos essencialmente iguais, mas havia detalhes sutis que as diferenciavam significativamente, os quais eram fruto do fato de que o bispo de Hipona ainda tentou preservar aquilo com o qual Calvino antipatizava muito, principalmente em suas primeiras exposições sobre a Doutrina da Salvação: a realidade do livre-arbitrio. (DANIEL, 2018, p.67).

De fato, não há dúvidas quanto a influência do pensamento agostiniano no calvinismo. A passividade da vontade e a inexistência do livre-arbitrio em questões de índole soteriológicas, p.ex., são fortemente influenciadas pela perspectiva do Velho Agostinho, conforme citado em outros momentos. O doutor da Graça não economizou palavras para enfatizar que Deus mantém sob seu domínio e poder a vontade humana, e inclina como quer e quando quer, seja para prestar favores a um determinado grupo ou condenar outros. Ainda há de se observar várias referências diretas a Agostinho na obra de Calvino, as *Institutas da Religião Cristã*, o que, de fato, corrobora a forte influência do Bispo de Hipona em sua teologia. Dessa maneira Calvino afirma, que a vontade humana, após a queda, foi corrompida de tal forma que não há de se falar ou pensar em desejo bom por parte da vontade, sendo Deus responsável pelo desígnio e inclinação desta. Assim pontua Geisler: “De fato, para o Agostinho mais velho, em contraste com o Agostinho mais jovem, a raça humana está tão depravada que não tem livre -escolha em relação às coisas espirituais, (GEISLER, 2005, p.190).

Durães destaca:

De fato, o Velho Agostinho influenciou a construção da ideia de vontade inerte em Calvino. Eis suas palavras “tudo isso tomei fielmente de Agostinho. Mas, visto ser bem provável que suas palavras sejam de mais autoridade que as minhas, então que se evidenciem os próprios termos que nele se leem.” Na sequência Calvino faz uma longa citação de um texto, presente no capítulo XIV, do tratado o Dom da Perseverança de Agostinho, concluindo que: “se tua mente se sente perturbada, não te acanhes em abraçar o conselho de Agostinho”. (DURÃES, 2016, p.71).

A incompreensibilidade que já pairava no pensamento agostiniano na busca da origem do mal ou da causa primeira da má vontade, tomará tons de gravidade, segundo Hannah Arendt<sup>15</sup> (1995), através da sua mais criticável e questionável teoria, a da predestinação.

<sup>15</sup> ARENDT, Hannah. O querer (a vontade), in: *A vida do espírito*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2.000, pp. 185-368.

Tal teoria, envolve a defesa acalorada de Calvino da eleição incondicional e da soberania divina, as quais o aproximam de Agostinho. A predestinação é uma das principais doutrinas discutidas na atualidade, merecendo a nossa atenção, pois retrata a realidade da vontade humana individual na visão calvinista. Packer assevera em sua obra *O Antigo Evangelho* que “os calvinistas, entretanto, definem a eleição como a escolha de pessoas, específicas, sem méritos, para serem salvos do pecado e conduzidas à glória, e, com essa finalidade, serem redimidas mediante a morte de Cristo, recebendo fé através da chamada eficaz do Espírito Santo. (PACKER, 2013, p.21)

Diante disso, há uma discussão e interpretação em torno do enredo do capítulo 9 da Epístola de Paulo aos Romanos, onde Calvino defende calorosamente a eleição incondicional, nesse contexto sabemos que há uma acentuada controvérsia, entre aqueles que defendem a escolha de Deus aos que serão salvos e a condenação de outros, que através dos seus comportamentos serão predestinados ao inferno, nessa visão dualista, Vargas interpreta da seguinte forma: Embora conhecidos por Deus, os caminhos do homem são para ele mesmo insondáveis e construídos pelo exercício de sua livre vontade, seja condenando-se pelo fechamento a toda ação da graça de Deus nele (ao que Deus apenas confirma, abandonando-o ao endurecimento de seu coração), seja abrindo-se à graça de Deus pela fé, acolhendo como inspiração intrínseca de sua vontade, tornando capaz de fazer o bem. O que se pretende fundamentalmente na discussão de Agostinho com os pelagianos é refutar a afirmação de que a salvação possa ser conseguida pelos méritos da vontade, através de suas boas obras, ao mesmo tempo que afirmar que para a condenação sim precedem os méritos da vontade que se fecha à ação de Deus. Ou seja, quando salva, Deus usa de pura misericórdia, não seguindo nenhum mérito antecedente da parte de quem recebe a graça; quando condena, responde a méritos maus precedentes da parte de quem condenado. Não são arbitrários, portanto, os juízos de Deus; e menos ainda injustos. A diferente ação de Deus nos dois casos (condenando justamente e salvando gratuitamente) mostra dois aspectos de Deus: por um lado, “testemunha” sua justiça, sua ira e seu poder, capaz de usar do mal para o bem (tendo paciência com os vasos de ira por tanto tempo); e por outro lado, mostra sua “ajuda” aos que são vasos de misericórdia para fazerem o bem. (VARGAS, 2018, p.142).

O texto do capítulo 9 da Epístola de Paulo aos Romanos, é um dos mais difíceis de ser interpretado na Bíblia Sagrada, pois trata de duas questões correlatas: a primeira, a contrapartida negativa da eleição, que é a doutrina da reprobção, se refere ao fato de Deus preterir aqueles que não são eleitos para a salvação e, a segunda, afirma que Deus elege alguns e pretere outros. Calvino também tem uma posição segundo a qual a Igreja substituiu Israel. Tal argumento se dá por conta da expressão “todo o Israel será salvo” (Rm 11.26). Logo, o reformador tem a premissa de que a eleição ocorre independentemente da previsão divina da contrapartida da vontade humana. Nesse contexto, podemos observar ainda que Calvino aboliu a eleição corporativa, e a eleição condicionada à manifestação da vontade.

Além disso, ele rejeita o entendimento dos nomes Jacó e Esaú que aparecem no capítulo 9 da Epístola mencionada acima, como sendo meros povos isolados. Sua visão é que se trata de dois indivíduos, por isso, a eleição é um mistério que nossa mente não pode compreender. Calvino declara na sua obra *As Institutas da Religião Cristã* com muita firmeza:

Além disso, como a Igreja é o povo eleito de Deus (João 10:28, não pode suceder que os que já são realmente seus membros finalmente pereçam (João 10:28), ou se percam com dano irreparável. Pois sua salvação repousa em um fundamento seguro e sólido; assim, mesmo que toda a estrutura do mundo viesse a desabar, ela a (salvação) em si não poderia tremer e cair. Primeiro, ela tem a ver com a eleição de Deus, não pode mudar nem falhar, a menos que a sabedoria eterna também fosse de roldão. Portanto, eles podem titubear e vacilar, e até mesmo podem cair; porém, não contenderão uns contra os outros, porque o Senhor sustentará sua mão; e é isto que Paulo diz “pois os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” (Romanos 11:29) (CALVINO, 2018, p.149).

Observa-se nitidamente que, para Calvino não há absolutamente quaisquer condições para a eleição divina de alguns. Não há condições, seja para o dom da salvação de Deus, seja para recebê-la. Diante disso, Calvino segue a mesma linha de raciocínio do Velho Agostinho a respeito da eleição incondicional. No entanto, ao longo de suas argumentações, é possível notar algumas críticas a Pelágio, aos sofistas, aos escolásticos e aos estoicos e um forte elogio a Agostinho no seu embate com os plágios. Por fim, Calvino argumenta que a predestinação divina constitui realmente um labirinto que a mente humana é incapaz de compreender.

#### 4.2 A vontade restaurada pela Graça: A rejeição da doutrina agostiniana por Armínio.

Há uma discussão que permeia o arminianismo popular em que se acredita que Armínio tenha rejeitado o pensamento primário do Jovem Agostinho, segundo o qual a vontade humana coopera com a graça divina, e o desejo e o impulso do primeiro passo em direção a Deus é meramente humano, em contrapartida ao pensamento do Velho Agostinho, onde se sustenta uma busca redobrada pela atuação da vontade divina, contudo, tal argumento não é encontrado nos escritos deixados por Armínio. Durães pontua “Neste sentido, Armínio não seguiu a doutrina articulada pelo Jovem Agostinho, pois entendia que a vontade humana, não está habilitada para a *initium fidei*<sup>16</sup>, com decorrência dos efeitos da queda edênica. (DURÃES, 2016, p.83).

<sup>16</sup> Este termo está relacionado à chamada controvérsia semipelatiana e indica os atos que se preparam para a justificativa. Segundo o semipelagianismo, esses atos são fruto da liberdade; graças a eles o homem é



Em Arminio, há de se falar sobre a graça preveniente, termo passou a ser mais conhecido e difundido pelos arminianos clássicos, como afirma Mariano:

A graça preveniente é, portanto, de maneira ampla, a graça que vem antes, que antecede e prepara o caminho para a conversão. A graça preveniente vem de Deus e é ela a responsável pela busca do homem. Através desta graça que vem antes da conversão, Deus, portanto, inicia o processo da salvação de maneira que, quando o homem não resiste a essa graça, ele é regenerado, mas se resistir à graça, não é regenerado, mas responsável diante de Deus por sua resistência e, com isso, culpado. (MARIANO, 2015, p.38)

Diferentemente de Calvino, Arminio defendia a graça resistível, o pecador é responsável pela aceitação da graça ofertada por Deus. No entanto, essa graça vem acompanhada da pregação do evangelho em suas diferentes formas. Para Mariano a graça preveniente “é uma atração da parte de Deus, que sucede por meio da pregação do evangelho” (MARIANO, 2015, p.41). A graça preveniente vem em dois estágios, a graça primária que opera em favor do pecador e a graça secundária que coopera com ele. Em outras palavras, uma graça que antecede, precede toda decisão humana, operado unicamente por Deus. Portanto, receber a graça de Deus é o primeiro estágio, mas para que o processo de salvação se efetue e aja de maneira eficaz, é preciso não resistir à graça e responder positivamente a mensagem do evangelho.

Conforme pontua um dos maiores teólogos arminianos existentes na atualidade Roger Olson, a graça preveniente é uma doutrina essencial no arminianismo:

A depravação total inclui a escravidão da vontade ao pecado, que é só superada pela graça preveniente sobrenatural. Esta graça começa a atuar em todos por intermédio do sacrifício de Cristo (e o Espírito Santo enviado ao mundo por Cristo), mas que ganha poder especial através da pregação do evangelho. Wiley, seguindo Pope e outros teólogos arminianos, chama a condição humana – em virtude do pecado herdado – de “impotência para o bem”, rejeita qualquer possibilidade de bondade espiritual independente da graça especial proveniente de Cristo (OLSON, 2013, p.44).

Assim, ainda declara a própria Remonstrância, documento de origem do arminianismo clássico elaborado por aproximadamente 43 pastores e teólogos reformados holandeses após a morte de Arminio, em 1609. O documento foi apresentado em 1610 para a conferência de líderes da igreja na Holanda para explicar a doutrina arminiana, assim declara o quarto ponto:

---

resolutamente orientado para o dom de Deus. Em outras palavras, os primeiros passos para a salvação surgiram da livre iniciativa do homem.

Que esta graça foi a causa do início, desenvolvimento e conclusão da salvação do homem, de forma que ninguém poderia crer nem perseverar na fé sem esta graça cooperante, e conseqüentemente todas as boas obras devem ser atribuídas à graça de Deus em Cristo. Todavia, quanto ao modus operante desta graça, não é irresistível (At 7.51) (Artigo IV A Remonstrância 1610)

Observa-se que o arminianismo e o calvinismo partilham pontos em comum, no que concerne a soberania de Deus e à graça. A graça preveniente é responsável pela libertação do homem para que ele responda positivamente ao evangelho em arrependimento e fé. Olson ainda pontua que “A ênfase calvinista na soberania de Deus, depravação humana e gratuidade da graça na salvação, embora não ausentes do pensamento de Arminio, fornece um lembrete positivo de verdades que a cultura moderna facilmente deixa de lado” (OLSON, 2013, p.75).

Feitas essas considerações sobre a graça preveniente, mais tarde assim, como Calvino Arminio se depara com a complexidade de Romanos 9 e sua urgência em tentar compreendê-lo, a fim de rebater os argumentos daqueles que em seu tempo sustentavam a visibilidade de uma dupla predestinação. Há de se pontuar que Arminio defendia a predestinação no sentido de que esta é o propósito gracioso de Deus para salvar a humanidade da completa ruína. Porém, ela inclui nesse escopo todos os homens, mediante uma condição unicamente de fé em Jesus. Em relação a Romanos 9 a posição de Arminio era diferente da de Calvino. Assim pontua Durães:

Ao contrário de Calvino, Arminio não elaborou uma minuciosa exegese de toda a Carta de Paulo aos Romanos, mas apenas legou à posteridade uma correspondência pessoal em que o capítulo 9 é discutido com um interlocutor simpático a sua posição. Assim, analisaremos o que se convencionou a denominar de Análise de Romanos 9, texto em que Jacó Arminio rejeita a dupla predestinação formatada pelos calvinistas supralapsarianos. (DURAES, 2018, p.86).

O propósito de sua análise é investigar qual o sentido da eleição, se há alguma consideração da vontade humana no cenário da salvação. Cabe pontuar que Arminio descarta qualquer possibilidade de o homem se chegar a Deus sem intermédio de sua graça preveniente. Isso se dá aos efeitos causados pela queda do homem no Éden. Para Arminio é através da graça de Deus é restaurado o livre-arbítrio concernente a salvação de toda a humanidade, e que cada indivíduo, portanto, é capaz de aceitar o chamado do Evangelho através da fé ou resistir a ele através da incredulidade.

Arminio escreve uma correspondência a Gellius Sneecanus, na qual ele enfatiza a sua compreensão como chave hermenêutica adequada ao enfrentamento do capítulo. Em suas

palavras ele expressa que “O Evangelho, não a Lei, é o poder de Deus para a salvação, não para aquele que pratica uma obra, mas para aquele que crê, uma vez que no Evangelho a justiça de Deus é manifesta na obtenção da salvação pela fé em Cristo”<sup>17</sup>. O destaque preliminar da análise de Arminio está no contexto em que houve uma promessa feita a Abraão, de que sua descendência seria abençoada, Arminio destaca que essa bem-aventurança diz respeito aos filhos da promessa e não aos filhos da carne. Arminio assim pontua:

“A razão consiste na distinção dos judeus e em sua dupla classificação em respeito a esta divina palavra e propósito, ou a partir da dupla descendência de Abraão, da qual somente uma foi compreendida naquela palavra e propósito. “Pois”, ele diz, “nem todos que são de Israel são Israel: nem por serem descendência de Abraão, eles são todos filhos”: mas há, entre eles alguns “filhos da carne” e outros “filhos da promessa”; de onde conclui-se – se a palavra de Deus não abrange a todos os israelitas em uma característica, ela não falha, mesmo que alguns, dentre si, possam ser rejeitados; e muito menos, se eles são rejeitados de quem fica evidente, da palavra em si, então eles nunca foram compreendidos nela” (ARMÍNIO, 2016, p.23-24).

Arminio rejeita a interpretação literal dessas passagens e afirma que elas são alegóricas; No que tange aos pares de filhos, Ismael e Isaque, o reformador holandês entende que é suficientemente claro e provado pela autoridade escriturística que os filhos de Isaque são o filhos da promessa, enquanto Ismael é comparado aos filhos da carne. Nesse mesmo sentido, Esaú e Jacó devem ser considerados como tipos e de modo que o que seja atribuído a eles, sejam os antítipos, ou em vez disso coisas representadas. Com base nesse contexto, Arminio entendia que a eleição diz respeito ao chamado divino, sendo que quem chama é Deus de acordo com seus propósitos e designios.

Em suma, Arminio sustenta que Deus não pode compelir nem a vontade poder ser compelida, mas é suficiente para desculpar o homem e isentá-lo da ira divina. Tal argumento é contrário ao que se pensava Calvino, assunto que já foi tratado acima. Durães pontua que “Para Arminio a vontade humana não é ofuscada pela ação divina” (DURÃES, 2016, p.97). No entanto, Deus faz do homem um vaso. O homem, por si só, se torna um vaso mau, ou um pecador. Porém, é possível que esses vasos maus possam sem transformar em vasos de honra. Isso se dá pela longanimidade oferecida por Deus. Sendo assim, essa transformação

<sup>17</sup> Romanos 1:16 – Texto na íntegra: Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e do grego. (ARC)

em vasos de honra ou desonra, não é um ato unilateral de Deus, mas sim uma ação que está ligada intimamente à resposta ao chamamento manifestada pela vontade humana.

## CONCLUSÃO

Nesse artigo, o problema que se impõe é entender o complexo conceito da vontade humana no pensamento agostiniano e a causa geradora de seu deslocamento rumo aos bens sensíveis ou bens eternos. Além disso, mostrarmos em que medida o pensamento de Agostinho influenciou as soteriologias calvinista e arminiana. Para isto, buscamos a compreensão do dilema da vontade, concepção formulada por Agostinho com base na posição paulina de que há duas vontades que se contradizem, uma que pende para o mal e outra para o bem.

No segundo momento, observamos Agostinho, de início exaltando a soberania da vontade humana alimentada por uma boa formação intelectual e seus questionamentos que surgiram na sua vida pessoal e que refletem a espiritualidade em que ele estava inserido. Questões como “quem criou o mal”? e “como o mal entrou na criação”? entrelaçam a mente de Agostinho e o fazem refletir em sua peregrinação rumo à fé cristã.

Posteriormente, Agostinho se envolve em alguns debates polêmicos. No seu primeiro debate teológico ele denuncia de forma especial o dualismo metafísico do maniqueísmo. No seu segundo debate teológico Agostinho, se depara confrontando o donatismo e foi nesse tão caloroso embate que ele desenvolveu sua teologia dos sacramentos e da Igreja. Por fim, o mais acalorado debate teológico de Agostinho começa com a controvérsia de Pelágio sobre a doutrina da Graça. Assim encontramos em seus últimos escritos, que a vontade humana não é suficientemente forte para agir em conformidade com a vontade divina.

Diante disso, podemos afirmar que Agostinho muda substancialmente seu conceito de vontade. Passa, num primeiro momento, por uma vontade forte, que em última análise decide sobre suas escolhas, enquanto no segundo momento esta vontade é enfraquecida pelo mau hábito que se fortalece na vontade humana. Assim, podemos entender e responder ao grande dilema da vontade, dizendo que a graça é a única fonte que prepara a vontade humana para que se movimente em direção a Deus.

Dentro do que foi exposto, podemos concluir que o estudo apurado do conceito de vontade tem uma relevância fundamental na teologia cristã, pois a vontade humana está presente em todas as áreas do conhecimento humano e em nossas decisões do livre-arbitrio da vontade. Além disso, foi através do pensamento agostiniano sobre a vontade que surgiram algumas soteriologias presentes na atualidade e que merecem um estudo aprofundado.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona. **O livre Arbítrio**. Trad., org., intr. e notas Nair de Assis Oliveira; rev. Honório Dalbosco. São Paulo: 1995 (Col. Patrística).
- AZEVEDO, Israel Belo de, 1952. **O PLANO E O CAMINHO; quando Predestinação e Livre-Arbítrio se encontram**. /Israel Belo de Azevedo. Rio de Janeiro: Prazer da Palavra, 2021.
- BOICE, James Montgomery. **As doutrinas da graça: resgatando o verdadeiro evangelho** /James Montgomery Boice, Philip Graham Ryken; tradução de Claudio Chagas – São Paulo: Vida Nova, 2017.
- BRIAN, Rustin. **Jacob Armínio: O homem de Oudewater**, Trad: Carlos Caldas: Reflexão, 2018.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos Séculos: uma história da Igreja Cristã**. Trad. Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã**. Trad. Rev Valter Graciano Martins. São Jose dos Campos: Fiel, 2018.
- DURÃES, Ivan de Oliveira. **O Dilema da vontade. Calvino e Armínio de braços dados com Agostinho?** São Paulo: Reflexão, 2018.
- DURÃES, Ivan de Oliveira. **Pelagianismo e Semipelagianismo**. São Paulo: Reflexão, 2018.
- FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A Z**. São Paulo: Vida, 2006 (Série Pensadores Cristãos).
- GEISLER, Norman. **Eleitos, mais livres: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio**. Trad. Heber Carlos de Campos. 2 ed. São Paulo: Vida: 2005.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2006.
- JACÓ, Arminio. **Uma análise de Romanos 9**. São Paulo: Reflexão, 2016.
- LUTERO, Martinho. **Nascido Escravo**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2007.
- MARIANO, Wellington. **O que é teologia arminiana?** São Paulo: Reflexão, 2015.
- MORAES, João Ricardo; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **A verdadeira religião segundo Santo Agostinho**. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br>>. Acesso em 23maio 2021).
- OLSON, Roger E. **Teologia Arminiana – Mitos e realidades**; Trad. Wellington Carvalho Mariano. São Paulo: Reflexão, 2013.

PACKER, J.I. **O Antigo Evangelho: Um desafio para redescobrir o evangelho bíblico.** São José dos Campos: Fiel, 2013.

SILAS, Daniel. **Arminianismo: A mecânica da Salvação:** uma exposição histórica, doutrinária e exegética sobre a graça de Deus e a responsabilidade humana. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SMITH, James K.A. **Na estrada com Agostinho: uma espiritualidade do mundo real para corações inquietos.** Trad. Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

VARGAS, Walterson Jose. **Aporias do conceito de vontade em Santo Agostinho.** Maringá: Viseus, 2018.



\*0002536\*